

A IMPRENSA COMO FONTE PARA PESQUISAS LINGÜÍSTICAS

THE PRESS AS A SOURCE OF LINGUISTICS RESEARCH

*Juliana Bertucci Barbosa**

*Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre***

RESUMO: Partindo do pressuposto que a língua é uma realidade heterogênea, refletimos sobre o uso dos jornais do início do século XX como um rico *corpus* de investigação lingüística. Nosso principal objetivo é averiguar as características do gênero jornalístico, estabelecendo paralelos entre essas características e a realidade lingüística do período em questão. Para ilustrarmos esse objetivo, analisamos as variedades *tu* e *você*. Essa análise descritivo-comparativa foi realizada em periódicos da imprensa negra e da imprensa do Município de Araraquara.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, imprensa, variação e mudança lingüística, *corpus*.

ABSTRACT: From the assumption that the language is an heterogeneous reality, this article is engaged in the study of newspapers at the beginning of the 20th century, as a rich *corpus* of Linguistics research. The main goal is to investigate the features of the journalistic genre, establishing parallels between these features and the linguistic reality of the period. Aiming to illustrate these objectives, we analyzed the varieties *tu* and *você*. This comparative analysis is made in periodic of the black press and the press of Araraquara City.

KEY WORDS: genre, press, linguistic variation and change, *corpus*.

* Doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo, e bolsista CNPq e CAPES/PDEE. Email: julianabertucci@yahoo.com.br.

** Mestranda em Lingüística e Língua Portuguesa, UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo, e bolsista CNPq. Email: sabrinabalsalobre@yahoo.com.br.

A IMPRENSA COMO FONTE PARA PESQUISAS LINGÜÍSTICAS

Introdução¹

Um dos obstáculos para quem realiza pesquisas diacrônicas é a da formação de um *corpus* que contemple uma documentação representativa da época desejada. Essa dificuldade aumenta à medida que percorremos em direção a estágios mais remotos da história de uma língua, pois não é sempre que conseguimos recuperar documentos escritos por diferentes autores. Em sua maioria, conseguimos apenas cópias tardias, que apresentam marcas da intervenção consciente por parte de escrivões e/ou editores para corresponder a um padrão estabelecido. E embora o pesquisador procure, com rigor filológico e lingüístico, escolher textos que sejam testemunhos fiéis da escrita de um autor, muitas vezes, isso não é possível.

Na tentativa de buscar aspectos gramaticais e sócio-históricos que auxiliem na construção da história do Português Paulista², entendemos como

¹ *Doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo, e bolsista CNPq e CAPES/PDEE. Email: julianabertucci@yahoo.com.br.

**Mestranda em Lingüística e Língua Portuguesa, UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo, e bolsista CNPq. Email: sabrinabalsalobre@yahoo.com.br.

Agradecemos Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck pelo incentivo, apoio e pelas produtivas discussões que enriqueceram este artigo.

² Esta pesquisa está ligada ao sub-projeto “Mudança gramatical no português de São Paulo”, inserida no Projeto Temático “Para História do Português Paulista” (PHPP – Português Caipira), coordenado pelo Professor Ataliba Castilho e fomentado pela FAPESP.

uma rica fonte para a organização de um *corpus* a chamada língua da imprensa. Segundo Pinto (1986), esse tipo de texto geralmente não considera o ideal de correção gramatical em favor de uma expressão direta em que se neutralizam os diferentes níveis de linguagem.

Nessa perspectiva, pretendemos analisar algumas características da linguagem dos jornais do início do século XX, considerando que estes permitem identificar fenômenos em variação, precursores das reanálises gramaticais, além de serem um excelente material para a recuperação de aspectos sociais, relevantes lingüisticamente.

Nossa análise lingüística é guiada, naturalmente, por perguntas nascidas do modelo da Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov, 1972, 1982, 1994, 2001), que concebe a mudança como um conjunto de processos lentos e graduais, cujo completamento se dá após um período, algumas vezes bastante longo, de variação entre formas alternantes.

Neste artigo, visamos ressaltar a importância de se considerar o estudo de gêneros textuais – para este artigo, em especial, o gênero jornalístico –, no processo de construção de *corpora*. Partimos do pressuposto de que todo ser humano sempre irá se servir da língua em quaisquer de suas atividades e, a partir do interesse, da intenção e da finalidade de cada atividade, os enunciados lingüísticos se realizarão de maneiras diversas. Essas “maneiras diversas” de realização do enunciado – relativamente estáveis –, são justamente o que Bakhtin (2000) denomina “gêneros do discurso” ou “gêneros textuais”.

Focalizamos o estudo do gênero jornalístico e, na tentativa de ilustrarmos a importância de se reconhecer e considerar a existência de diferentes gêneros dentro do gênero jornalísticos, realizamos uma análise das formas *tu* e *você* em amostras de jornais das primeiras décadas do século XX na imprensa negra e na imprensa da cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. Inicialmente, apresentamos algumas considerações sobre o gênero jornalístico e algumas contextualizações dos jornais que serviram de *corpus* para esta pesquisa.

1. O gênero jornalístico

Como já destacamos no início deste artigo, partimos da idéia de que só é possível se comunicar verbalmente por meio de um “gênero textual”. Essa concepção, já defendida por Bakhtin (2000) e por Bronckart (1999), é

adotada pela maioria dos autores que tratam a língua como uma atividade social, histórica e cognitiva, analisada segundo seus aspectos discursivos e enunciativos.

Sob esse ponto de vista, concordando com Marcuschi (2005), também entendemos “gênero textual” como uma noção que se refere a “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo, e composição característica” (2005, p. 22-3). Cabe destacar que embora os gêneros textuais não se caracterizem apenas por aspectos formais, não significa que devemos desprezar a forma: temos casos em que é a forma que determina o gênero e casos em que é a função que determinado o gênero.

Sobre isso, Marcuschi (2005, p. 21) argumenta que em algumas situações é o próprio suporte ou ambiente em que o texto está inserido que vai determinar e nos fazer identificar um gênero. O autor cita o exemplo de um determinado texto que, se publicado em uma revista científica, é classificado como um gênero “artigo científico”, e se publicado em um jornal, é denominado um “artigo de divulgação científica”. Assim, desde que não estejam num mesmo suporte, segundo Marcuschi (2005), não podemos dizer que as expressões “mesmo texto” e “mesmo gênero” são automaticamente equivalentes. É, por isso, que devemos ter cautela ao considerar o predomínio de formas ou funções ao se identificar um gênero.

Com base nessa noção de gênero textual, acreditamos, como já mencionado anteriormente, que o gênero jornalístico seja um rico e “complexo” *corpus* para pesquisas sociolinguísticas, e, por isso, o linguista deve buscar um melhor entendimento de suas propriedades, reconhecendo inclusive todo o conjunto de gêneros que o integram.

Para refletirmos especificamente sobre o gênero jornalístico, apoiamos em estudos de Bonini (2003) que, orientado pela teoria sócio-retórica de Swales (1990), busca alcançar dois grandes objetivos: (i) produzir um inventário dos gêneros, subgêneros e pré-gêneros do jornal, em relação ao modo como estão acoplados ao suporte e ao meio social; e (ii) produzir uma interpretação estrutural e funcional do jornal, em relação a suas características de suportar gêneros e de ser uma peça-chave em um amplo processo interacional e discursivo.

De acordo com Bonini (2003, p. 220), o que ocorre no jornal é a “intercalação de enunciados plenos no hipergênero (o suporte jornal)”³, em que devemos considerar “as funções dos gêneros no hipergênero, determinando-se o processo de intercalação; e o processo evolutivo do gênero, pois o hipergênero jornal se constitui em um bloco de enunciados que ocorrem, em muitos casos, de formas mistas e inovadoras”. (BONINI, 2003, p. 221).

Sobre os gêneros que compõem o jornal ou subgêneros⁴, encontramos poucos estudos, com exceção, de alguns mais citados, como a notícia, a reportagem, a entrevista e o editorial. Esses subgêneros são descritos, geralmente, em manuais que partem de uma concepção de gênero fixa, claramente delimitável e, por isso, passível de ser ensinada como técnica; fazendo com que, muitas vezes, esses quatro subgêneros acabem sendo tomados uns pelo outros. Esse último aspecto, apesar de não ser discutido, é previsto por alguns autores, como destacam Sodré e Ferrari (1986, p. 32), sobre a relação notícia/reportagem: “Às vezes, as fronteiras entre os gêneros se tornam tênues, principalmente quando as notícias trazem a informação contextualizada”.

Coadunando com Bonini (2003), que rastreou a noção de gênero jornalístico e os seus subgêneros em diferentes obras, acreditamos que existe um rol de gêneros que circulam no ambiente do jornal e que devem ser levados em consideração ao se fazer uma pesquisa sociolinguística, já que cada gênero textual apresenta peculiaridades que implicam não apenas em aspectos estruturais caracterizadores, mas também em tipos de tema mais recorrentes, grau de formalidade, intenção, entre outros. Os subgêneros que podem ser encontrados dentro do hipergênero jornal, são os seguintes⁵:

³ O termo **hipergênero** é apresentado por Bonini (2001). Esse autor entende por **hipergênero** o suporte textual (por exemplo, os jornais, as revistas e os vários tipos de *home-pages*) que se constitui a partir de variados outros tipos de gêneros, como cartas, notícias, editoriais, reportagens, poesias, charges etc. É nesse sentido que o autor propõe o estudo do hipergênero jornal como um contínuo textual.

⁴ Nesta pesquisa, ao utilizarmos o termo **subgênero**, proposto pelas autoras deste artigo, estamos apenas nos referindo a um gênero que está inserido dentro de outro gênero, como, por exemplo, uma carta que aparece em um jornal (este último seria o suporte ou hipergênero).

⁵ Quadro adaptado de Bonini (2003).

GÊNEROS DO JORNAL			
CENTRAIS			PERIFÉRICOS
Presos	Livres		
	Autônomos	Conjugados	
carta do leitor	análise	cronologia	anúncio
expediente	artigo	gráfico	propaganda
cabeçalho	nota	mapa	aviso
chamada	notícia	perfil	cupom
editorial	reportagem	<i>story-board</i>	expressão de opinião
foto-manchete	entrevista	errata	informe publicitário
índice	enquête	fotografia	ensaio
	fotorreportagem	ficha técnica	editorial de moda
	foto-legenda	galeria	crônica
	comentário	grade	horóscopo
	crítica	indicador	teste
	resenha	cotação	folhetim
	tira	infográfico	charada
	cartum	lista [questionário, vocabulário, discografia, bibliografia]	palavra cruzada
	charge	endereço eletrônico	poesia
	roteiro	caricatura	conto
	previsão do tempo	referência bibliográfica	editais
	carta-consulta	endereço	balancete
	efeméride	cineminha	receita
			ata
			apostila
			jogos (dama, xadrez)

Quadro I – Gêneros encontrados nos jornais

O **quadro I** foi elaborado com base no critério de centralidade da função do gênero no jornal citado por Bonini (2003), e os gêneros foram dispostos em categorias segundo o esboço da organização do jornal apresentado em um outro trabalho deste mesmo autor (cf. BONINI, 2001). As categorias de gêneros (ou subgêneros) que constituem o jornal são: (i) **gêneros do jornal**: são aqueles que ocorrem no jornal; (ii) **gêneros centrais no jornal**: são aqueles que estão diretamente relacionados à organização e aos principais objetivos sociais/comunicacionais do jornal (relatar, prever e analisar acontecimentos); podem ser de dois tipos: **presos** (aqueles que estruturam o jornal) ou **livres** (aqueles que fazem o jornal funcionar). Os **gêneros centrais livres**, por sua vez, podem ser divididos em: (a) **gêneros centrais livres autônomos**, que embora também possam se mesclar, são os que geralmente acontecem como unidades textuais independentes ou predominantes em um

bloco de textos; e os (b) **gêneros centrais livres conjugados**, que ocorrem, normalmente, como apêndice dos gêneros autônomos, principalmente da reportagem; e (iii) **gêneros periféricos**: estão relacionados a propósitos sociais/comunicacionais que incidem sobre o jornal, como os de promover produtos e pessoas, divertir, educar, cumprir normas legais, contratar pessoal, etc.

Bonini (2003, p. 229), assim, tenta descrever os gêneros do jornal pelo modo como eles funcionam nesse “suporte jornal”, destacando ainda que essas divisões não devem ser concebidas como “categorias que explicam o gênero diretamente”, mas sim como “processo social e de linguagem em que ele [o gênero] está envolvido”.

Portanto, como podemos verificar, o lingüista ao utilizar o jornal – um hipergênero –, como *corpus* para suas pesquisas sociolingüísticas deve reconhecer as características desse gênero e levar em consideração a existência desses diferentes “subgêneros”, pois ao desconsiderar essas propriedades do jornal, o pesquisador pode chegar a resultados pouco confiáveis.

Na seção 3.2. deste artigo, ilustraremos, por meio da análise lingüística das variantes “tu” e “você”, a influência dos diferentes gêneros encontrados no jornal na rentabilidade de algumas formas e situações lingüísticas. Primeiramente, faremos uma breve contextualização do material que compõe o nosso *corpus*.

2. Panorama histórico-social dos jornais

Vimos que o propósito deste artigo se refere: i) à sistematização das recentes pesquisas realizadas pelo subgrupo *Gramática e mudança lingüística*, pertencente ao *Projeto Caipira: variação e mudança do português de São Paulo*, que tem como um de seus objetivos a formação de um *corpus* mínimo, compreendendo os jornais paulistas da capital e do interior, dos séculos XIX e XX; ii) a um estudo sobre a composição interna do gênero textual jornalístico, a fim de se verificar a pertinência dos estudos lingüísticos em *corpus* dessa natureza; iii) à ilustração do objetivo anteriormente mencionado por meio da análise das variedades pronominais *tu* e *você* nos jornais do período.

Para que nossos objetivos pudessem ser cumpridos, tivemos que realizar um levantamento de jornais da imprensa negra e da imprensa da cidade de Araraquara. Em relação ao material da imprensa negra, contamos com a colaboração dos membros do nosso subgrupo do Projeto Caipira,

que nos cederam um cd-rom com imagens de periódicos pertencentes a essa imprensa. Esse material encontra-se microfilmado no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Para o levantamento dos jornais de Araraquara, interior de São Paulo, houve um período de pesquisa em órgãos públicos e privados da cidade que preservaram documentação antiga. Parte do material foi obtido no Arquivo Público Histórico Professor Rodolpho Telarolli – que atualmente funciona na Casa da Cultura de Araraquara –; outra parte foi fornecida pelo jornal *O Imparcial* de Araraquara⁶; e um exemplar (do jornal *O Popular*, de 1926) foi encontrado na Biblioteca Municipal Mário de Andrade. É importante destacar que, ao passo que fazíamos essa investigação, também estávamos realizando um levantamento da história desses jornais, que perpassa pela história da própria cidade.

Uma vez descoberto esse material, passamos para a etapa de digitalização: foram feitas fotos⁷ dos jornais e, em seguida, foram armazenadas como imagem em formato “jpg”. Os jornais digitalizados foram: do Arquivo Público Histórico Professor Rodolpho Telarolli, *O Araraquarense* (1915, 1916 e 1917) e *O Popular* (1904); e da redação de *O Imparcial*, *O Jornal do Commercio* (1914) e o *Jornal de Notícias* (1906, 1907).

De posse desse material, iniciamos o processo de análise das seções, observando a ocorrência de alguns fenômenos lingüísticos.

2.1. A cidade de Araraquara: o contexto histórico-social e os jornais de circulação

A cidade de Araraquara, interior de São Paulo, originou-se a partir da “freguesia de São Bento de Araraquara” desmembrada, em 22 de agosto de 1817 – data oficial da fundação dessa cidade –, da freguesia de Piracicaba (comarca de Itu), adquirindo o *status* de cidade apenas em 6 de fevereiro de 1889.

⁶ Dedicamos esse artigo, como forma de agradecimento: aos gentis funcionários do Arquivo Público Histórico Professor Rodolpho Telarolli, Silvio Renato Barbosa e Luciene Maria B. Guimarães; à Cecília Silva (diretora responsável pelo jornal *O Imparcial*) – a quem ressaltamos a dedicação e determinação –; e a prontidão e gentileza do jornalista Hamilton Guimarães.

⁷ O material digitalizado foi fornecido para o Arquivo Público Histórico Professor Rodolpho Telarolli e para a redação do jornal *O Imparcial* e também será anexado ao *corpus* do sub-projeto “Mudança Gramatical no português de São Paulo”, vinculado ao projeto “Para História do Português Paulista” (PHPP – Projeto Caipira).

No final do século XIX, apesar do crescimento do mercado interno, o processo de urbanização de Araraquara estava ligado à expansão da economia exportadora de café. E, assim como as cidades portuárias, as cidades produtoras de café seguiam os modelos europeus e transfiguravam um aspecto colonial. Os grandes centros culturais exerceram um fascínio e serviram de padrão para o processo de modernização da rede urbana paulista, atingindo, inclusive, cidades do interior, como Araraquara.

Nesse período, o mercado cafeeiro, a expansão do mercado interno (relacionados também com a imigração), a expansão das malhas ferroviárias e a transferência dos fazendeiros (“coronéis”) para o meio urbano (que estimularam a melhoria de condições de vida no centro urbano), são fatores responsáveis pelo processo de modernização de Araraquara no final do século XIX e começo do século XX.

Os jornais da época e o *Álbum de Araraquara* (1915), por exemplo, fazem descrições da cidade e evidenciam um certo aspecto de planejamento e modernização urbana, iniciados por volta de 1908 e chegando ao seu apogeu em 1912. É importante destacar que os efeitos da modernização sobre a cidade de Araraquara encontravam-se intimamente relacionados com disputas eleitorais e crimes ligados as constantes lutas pelo poder local.

Em 1897, a cidade possuía uma população de 12 mil habitantes e ostentava um perfil urbano diferenciado, onde se desenvolviam novos padrões culturais. Tanto que em 1881 era publicado o primeiro número do jornal *O Município*⁸ e no ano seguinte era fundado o Clube Araraquarense, símbolo da vida social das famílias mais ricas da cidade. As atividades culturais, bastante diversificadas para a época, abrangiam a organização de grupos teatrais e musicais, ligados às comunidades de imigrantes (italianos e espanhóis), ao mesmo tempo em que se apresentavam na cidade companhias profissionais de teatro e ópera. No campo dos equipamentos urbanos os avanços são visíveis na década de 1880: serviço de água encanada, telefone, iluminação pública e arborização da cidade.

No início do século XX, o poder local de Araraquara era estabelecido e exercido de forma maciça por membros do Partido Republicano Paulista,

⁸ *O Município* é considerado o primeiro jornal impresso de Araraquara, em 6 de março de 1881. O Arquivo Público Histórico Professor Rodolpho Telarolli possui em seu acervo um fac-símile deste exemplar.

formado, essencialmente, por representantes da elite cafeeira paulista. Dois grupos republicanos disputavam esse poder: os situacionistas (comandado por Theodoro de Carvalho) e o grupo dissidente (comandado por Carlos Batista Magalhães, Dario de Carvalho e pelas famílias Pinto Ferraz e Sampaio Vidal).

Os ataques da oposição eram feitos por jornais de vida efêmera, criados às vésperas de eleições e extintos logo após a apuração dos votos. Segundo Telarolli (1975, p. 198), grande parte dos noticiários visavam influenciar os leitores/eleitores locais. Dessa forma, podemos afirmar que os jornais desse período funcionavam como condutores da opinião pública local e refletiam a defesa de posições políticas.

É nesse contexto sócio-histórico que estão inseridos os jornais da cidade de Araraquara que serviram de *corpus* para a nossa pesquisa: *O Popular*, *O Araraquarense* e o *Jornal do Commercio*. Esses jornais possuíam, geralmente, quatro páginas, com notícias de Araraquara e da região, algumas informações sobre fatos ocorridos em outros países e em outros estados, notas sobre nascimento e falecimentos, espaço para folhetins e poesias, cartas e um grande número de anúncios.

O jornal *O Popular* (**Figura 2**), que se originou do *Jornal de Noticias* (**Figura 1**), pertencia a Antonio Correia da Silva; sua primeira edição foi publicada em 1897. Depois de algumas exemplares, devido ao contexto político descrito anteriormente, *O Popular* passa a assumir uma posição política e se autodenomina, por meio de um subtítulo, “Órgão do Partido Republicano Paulista de Araraquara”. Esse periódico torna-se um veículo responsável pelas publicações de atos da Câmara Municipal da cidade e a defender os interesses da elite instalada no poder. Devido a sua posição política, esse jornal, durante a Revolução de 30, foi empastelado, sendo suas máquinas e seus arquivos de publicações queimados. Somente em 1931, Antonio Correia da Silva, funda um outro jornal que circula até hoje na cidade de Araraquara. Esse jornal intitulou-se *O Imparcial*, que, como o próprio nome “diz”, buscava não assumir posições políticas. Esses fatos históricos justificam a dificuldade em se encontrar exemplares do *O Popular*, só existindo alguns no Arquivo Público Histórico Professor Rodolpho Telarolli e na sede do jornal *O Imparcial*⁹.

⁹ O jornal até hoje ainda pertence à família Correa da Silva.



Figura 1: *Jornal de Noticias*



Figura 2: *O Popular*

Outro periódico analisado, o *Jornal do Commercio* (**Figura 3**), circulou em Araraquara nas primeiras décadas do século XX, adotando uma postura imparcial ao se dedicar à divulgação de eventos culturais e de anúncios publicitários. Entretanto, apesar de procurar não tomar uma posição política, segundo Vargas (2000, p. 89), em suas “entrelinhas” era possível identificar uma visão favorável às atitudes do governo municipal.

Por fim, temos o jornal *O Araraquarense* (**Figura 4**), fundado em 26 de novembro de 1911, pelo comerciante Francisco Gravina (imigrante italiano). Tal periódico circulava com a designação de “Semanário Literário, Noticioso e Humorísticos”, evitando assim ser associado a um grupo político e procurando reforçar seu caráter de divulgador cultural.

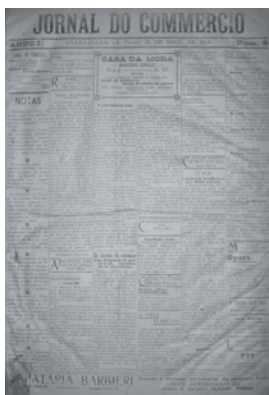


Figura 3: *Jornal do Commercio*



Figura 4: *O Araraquarense*

Esse jornal por ser fundado por um imigrante recém chegado da Itália, tinha como principal característica uma preocupação com a industrialização, sendo o seu texto marcado, muitas vezes, por idéias de modernização¹⁰. As suas principais publicações eram anúncios, crônicas, poemas, folhetins, divulgação de lugares para entretenimentos e notas sociais.

Como podemos perceber o trabalho com esses jornais locais, além de auxiliar no resgate da história do português paulista, resgata também fatos históricos da região de Araraquara, como situações vividas, moradores, conflitos.

2.2. Imprensa negra

O trabalho de investigação dos jornais que constituem a imprensa negra paulista resgata uma inesgotável fonte de informações sobre a situação do afro-brasileiro após a libertação da escravidão e início do regime republicano. Esses jornais se propunham a levar adiante o projeto de cidadania dos antigos grupos abolicionistas, dando continuidade a antigas entidades e publicações que funcionavam no período final da escravidão.

Para entender a formação da imprensa negra, Ferrara (1986) analisa algumas das peculiaridades da população negra paulista do início do século XX, a partir da conceituação de grupo minoritário, que caracteriza, segundo a autora, essa população. Por grupo minoritário, Ferrara entende um conjunto de pessoas que recebem um tratamento desigual em relação aos demais membros da sociedade em que vivem e que, por isso, consideram-se alvo de discriminação coletiva.

A partir dessa conceituação, a autora sugere que a formação da imprensa negra, por parte dos integrantes desse grupo minoritário, deu-se pela necessidade de veicular as reivindicações por melhores condições de vida e as propostas de inserção na sociedade brasileira. Portanto, esses jornais tiveram um papel relevante na elaboração de uma identidade afro-brasileira.

De modo geral, os editores dos jornais representavam um conjunto de intelectuais negros, que pertenciam a um restrito grupo – não só de negros, como de brasileiros como um todo –, de alfabetizados. Ainda assim, den-

¹⁰O artigo “As Moscas” (*O Araraquarense*, nº 276), por exemplo, citado por Vargas (2000), em sua dissertação, reivindica uma maior preocupação com as condições de salubridade em terrenos repletos de capinzais, localizados em cervejaria e em cocheiras de Araraquara.

tro desse grupo de intelectuais, pouquíssimos pertenciam de fato à grande burguesia, pois atuavam, em geral, como funcionários públicos de baixo escalão, motoristas particulares, cozinheiros etc. Apesar do fato de que esses jornalistas não estavam inseridos numa classe social favorecida, eles ainda constituíam uma pequena ‘elite’, uma vez que nas primeiras décadas do século XX, a maioria dos grupos sociais era caracteristicamente analfabeta.

É nesse sentido que Garcia (1997) defende que os negros que compunham essa elite sofriam um processo de “aburguesamento”, por defenderem avanços culturais e materiais para a comunidade negra, sobretudo por meio do incentivo à educação e adequação desses negros aos valores da sociedade majoritária paulista, particularmente, burguesa.

A população negra no Brasil, desde o período da escravidão, sempre se organizou em associações, que embora por vezes frágeis, sempre foram constantes, como os quilombos, os batuques, as confrarias religiosas e o candomblé. Após a abolição, foi comum o surgimento de associações culturais e festivas que reuniam os afro-brasileiros em torno de objetivos comuns. Essas associações promoviam bailes, freqüentados pela parte favorecida da comunidade negra, que, segundo depoimento de José Correia Leite (1992) (militante negro e fundador do jornal *O Clarim d’Alvorada*), era composta por “cozinheiras de forno e fogão em casa de famílias importantes” (1992, p. 45) e homens em boa condição social, como chofer, cozinheiro ou funcionário público (situação que dificilmente passava de contínuo). Era justamente nesses bailes que se realizava a maior circulação dos jornais da imprensa negra e, como poucos pagavam por eles, os periódicos acabavam sendo distribuídos gratuitamente.

Leite também revela que grande parte dos jornais tinha vida curta ou periodicidade inconstante, por serem os próprios editores que bancavam os custos da impressão e quase sempre acabavam em prejuízo. É perceptível que o trabalho desses editores era em razão da luta por um ideal, por acreditarem na imprensa como um meio legal para tentar melhorar a vida de seus iguais. Isso fica claro nessa fala de Leite: “naquele tempo o negro ainda pensava nisso. Porque o 13 de maio ainda não estava longe. Não era como hoje que está há quase cem anos passado. Naquele tempo era questão de menos de quarenta anos, trinta e poucos anos de distância, de modo que muitas daquelas pessoas de idade eram netos ou filhos de escravos” (1992, p. 74).

Em termos gerais, Ferrara caracteriza o advento da imprensa negra

como uma ferramenta, utilizada por parte da comunidade negra, para promover a inserção social:

Neste período o negro tenta sua integração à sociedade brasileira; para tanto procura identificar-se com a sociedade dominante, assimilando ou copiando valores brancos, pressupondo a união do grupo negro e o desenvolvimento da solidariedade, através de apelos, o que levará a uma coesão do grupo negro, sendo a imprensa o veículo para essa integração (FERRARA, 1986, p. 199).

Para os objetivos específicos desse artigo, de se observar as características internas dos jornais – a fim de se deprender os pontos que caracterizam o gênero jornalístico –, e estabelecer uma comparação entre o emprego das variantes pronominais de segunda pessoa do singular em periódicos da Imprensa negra e da Imprensa produzida no município de Araraquara, foram selecionados, como amostra para análise, dois jornais da Imprensa Negra: *O Alfinete* (**Figura 5**) e *O Kosmos* (**Figura 6**). Essa escolha se justifica por uma combinação de fatores.



Figura 5: *O Alfinete*



Figura 6: *O Kosmos*

Inicialmente é relevante o fato de que os dois jornais pertencem ao primeiro período¹¹ (1915 a 1923) desse movimento noticioso, que tem por

¹¹ A periodização da imprensa negra varia em alguns anos e referências ao primeiro jornal, dependendo do estudioso em questão. Nesse trabalho, segue-se a proposta de Miriam Nicolau Ferrara (1986).

característica um caráter pedagógico, visando a conscientização da população negra à adequação do regime social imposto pela camada dominante e, assim, a promoção da inserção social desses indivíduos.

Outro ponto importante para essa escolha é a acessibilidade do material, pelo fato de que era comum os jornais dessa imprensa não terem uma periodicidade regular, ora por falta de capital, ora por dissidência dos editores. Outro problema que se alia aos anteriores é a falta de preservação de alguns exemplares dos jornais. Dessa forma, a escolha desses dois se dá pelo grande número de edições que se preservou desses periódicos e a disponibilidade desse material. Por fim, é preciso ressaltar algumas peculiaridades desses jornais que revelam dados importantes do contexto histórico e social da população negra do período e, que ao mesmo tempo, demonstram fatores lingüísticos interessantes.

O jornal *O Alfinete* foi editado pela primeira vez em 1918 e perdurou até 1921, com o subtítulo “Órgam litterario, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor”. O diretor de *O Alfinete* era A. Oliveira, mas esse periódico contava com muitos outros colaboradores, sobretudo porque ressaltavam que o jornal era um espaço aberto para a expressão de idéias da comunidade. Foi um periódico da primeira fase da imprensa negra, portanto, com objetivos de estabelecer um certo padrão para o comportamento dos negros.

Leite define *O Alfinete* como um jornal que continha fofocas, mas não de cunho ideológico e político: “As alfinetadas [eram] no sentido de corrigir a moral, denunciar pessoas que aparentemente tinham dignidade, mas escorregavam” (1992, p. 33).

Esse jornal contava com três colunas que foram recorrentes ao longo de sua história: a seção “Alfinetadas” é definida por Garcia (1997, p. 80) como contendo “matérias de opinião do jornal em referência aos procedimentos sociais dos ‘homens pretos’”; em “Reparando” havia “dicas sobre como os negros deveriam comportar-se nas sociedades dançantes onde o jornal era divulgado e expunha sua crítica”, e por fim, na coluna “Aos leitores” o jornal “chamava a atenção da *classe* para a importância de se desenvolver intelectualmente” (GARCIA, 1997, p. 80). Esse jornal também se dedicava à publicação de notas de eventos sociais da comunidade negra, como festas, batizados, bailes, casamentos, com o intuito de ressaltar o *status* social e, em contra-partida, reprimia os comportamentos considerados indesejáveis.

É interessante notar que havia uma preocupação dos editores do jornal com o uso da norma culta, para que esse veículo de informação servisse como fonte de instrução para a população negra. Nesse sentido, havia um *Cabo da guarda*, possivelmente o pseudônimo¹² de um dos editores, que publicava dicas de português, dando alguns conselhos para que os leitores pudessem escrever seus próprios textos. Segue exemplo de um conselho dado pelo Cabo:

(01) Snr Baptista: Seu sòneto não pode ser publicado falta a metrificação, que é o essencial. Um conselho: Leia o tratado de metrificação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos¹³.

De acordo com o levantamento de Santos (2007), *O Alfinete* era composto, em geral, por quatro páginas, sendo que, a partir do biênio 1918-1919 foram publicados anúncios em sua última página. De forma que os textos impressos no jornal eram de diferentes gêneros do discurso – desde os mais formais, como o edital, passando pelos mais informais, como as “chamadas de atenção”, até gêneros literários, como poesias.

Outro jornal da Imprensa negra paulista analisado é *O Kosmos*, que entrou em circulação em um período bastante significativo devido a algumas peculiaridades. Seu lançamento se deu no dia 07 de setembro de 1922, tendo como redator-chefe Abílio Rodrigues. No entanto, apesar de os dois jornais escolhidos serem classificados como pertencentes à primeira fase dessa imprensa, o diferencial entre eles é atribuído à diferença de propósitos: enquanto *O Alfinete* se propunha a discorrer sobre a vida social e pessoal dos membros da comunidade negra, *O Kosmos* era o jornal oficial do Grêmio Recreativo Kosmos, que tinha como objetivo a função social de prestar serviços à comunidade negra.

Com esse intuito, logo no cabeçalho, *O Kosmos* se diferenciava dos demais jornais por não trazer como subtítulo os dizeres “dedicado aos homens de cor”, e sim “Orgam Oficial do Gremio Dramático Recreativo Kosmos”. Essa diferença se justifica pelo fato de que o grêmio Kosmos tinha um programa educativo dirigido aos afro-descendentes, que contava com

¹² Era prática comum dos colaboradores dos jornais o uso de pseudônimos, para preservar a identidade da crítica, mas sobretudo, pela falta de pessoas que contribuam com a publicação de seus textos.

¹³ *O Alfinete*. Ano 4. São Paulo, 30 de outubro de 1921, p.01.

atividades culturais e profissionalizantes. De forma que, nessa associação, a comunidade, além de usar o espaço para se relacionar socialmente, também encontrava um ambiente favorável para leituras em conjunto, saraus para leitura do jornal e de literatura, oficinas de corte e costura, aulas de alfabetização, e reuniões para comemoração de aniversários, batizados e outras festividades.

Além disso, outro diferencial de *O Kosmos* é seu projeto dramático, por contar com uma escola efetiva de teatro, que mantinha vários integrantes do movimento negro reunidos em torno dessa atividade cultural. Esse grupo representava peças criadas pelos próprios integrantes e peças já consagradas no cenário artístico.

3. Alguns aspectos lingüísticos da imprensa de São Paulo do início do Século XX

3.1 Tratamentos pronominais de segunda pessoa e a interlocução nos jornais analisados

Com o objetivo de ilustrar as reflexões sobre a empregabilidade do *corpus* jornalístico para estudos lingüísticos – sobretudo estudos em Lingüística Histórica e Sociolingüística – escolhemos como fenômeno lingüístico as formas pronominais de tratamento de segunda pessoa *tu* e *você*. Essa escolha se pautou na idéia de que o sistema de formas de tratamento representa um exemplo privilegiado da intersecção que há entre a história interna e externa da língua, já que evidencia a inter-relação entre fatos sociais e verbais, representando, de forma direta, os fundamentos de organização do *status* social.

Nesse sentido, Cintra (1986) defende que a complexidade das formas de tratamento está diretamente relacionada com as sociedades que têm como característica a divisão social em estamentos ou camadas sociais hierarquizadas. Da mesma forma, Biderman (1972) também afirma que as sociedades que tem a hierarquia de classes como critério de divisão, insistem na manutenção de formas de tratamento que diferenciem a elite da grande maioria das pessoas que compõe a sociedade, formando uma espécie de “etiqueta” das formas de endereçamento.

Soto (1999) propõe uma interpretação da variação do pronome de segunda pessoa (doravante 2ª p.), sobretudo a forma *tu*, como uma questão de escolha do falante. A autora considera que essa escolha não tem uma motivação apenas de ordem social, mas que há também uma

influência de caráter discursivo, remetendo, portanto, à memória e história do falante. Dessa forma, se há no sistema lingüístico uma possibilidade de variação, o falante (ou a pessoa que publica um texto em jornal, no caso desse artigo) usa a forma que melhor lhe convir para marcar uma diferença de sentido. Assim, o uso da forma *tu* pode aparecer ora indicando adequação a um suposto padrão culto, ora para dar indícios da fala de um grupo social (o malandro carioca, por exemplo), ora revelando a proveniência regional do falante.

Com relação à variação entre *tu* e *você* estar associada a um caráter regional, em que na passagem do século XIX para o XX, a forma *você* praticamente suplantou o uso oral de *tu* – e que, por isso, há regiões, como São Paulo em que praticamente inexistente a forma *tu* – Menon e Loregian-Penkall (2002) alertam para o fato de que alguns trabalhos¹⁴ têm demonstrado que em alguns pontos do Brasil nunca houve a forma *tu*, e que primeira forma empregada foi o pronome *você* para se estabelecer a interlocução.

Cabe destacar que neste artigo adotamos a proposta de Soto (2001) referente a classificação das formas de tratamento de acordo com a posição e intenção do enunciador no momento da enunciação. A autora considera **alocução** quando há um enunciador se dirigindo diretamente à segunda pessoa do discurso; **elocução** quando o enunciador trata de si mesmo; e **de-locução** para a enunciação em que o locutor trata de uma terceira pessoa. Em nosso *corpus*, ocorrem, com maior frequência, tratamentos **alocutivos**, como discutiremos na próxima seção.

Além disso, é importante mencionarmos que o sistema de tratamento constitui um dos raros pontos do sistema lingüístico em que se pode identificar claramente a intervenção do grupo social, de acordo com seus interesses, seja para aceitar ou para combater uma forma de tratamento em uso (CINTRA, 1986).

Para se realizar a análise de alguns dados nesse artigo foi necessário considerar a idéia de que a quantidade de situações interlocutivas pode variar em função de dois fatores principais: i) a característica interna do jornal; e ii) o tipo de gênero – inserido no hipergênero jornal –, em que ocorre o fenômeno lingüísticos estudado.

Por situação interlocutiva no gênero jornalístico entendemos a rela-

¹⁴Como, por exemplo, Menon (1994), Loregian (1996) e Menon (1996b).

ção estabelecida entre o editor do jornal e um leitor, em que o primeiro faz uso de um tratamento para se dirigir ao segundo, como a forma “o senhor”, por exemplo. De forma que a interação se dá de modo direto, de uma primeira pessoa (quem escreve para o jornal) para segunda pessoa (o leitor): trata-se, portanto, de formas de tratamento **alocutivos** (SOTO, 2001.) Em alguns casos, essa segunda pessoa pode estar expressa (ou pode ser recuperada pelo contexto), entretanto, há ocasiões em que o pronome de tratamento remete-se a um leitor genérico, em outras palavras, a qualquer leitor do jornal.

Em função do gênero inserido no jornal pode haver diferentes situações de interlocução. Ao se tratar, por exemplo, de um carta em que o leitor manda para a edição do jornal a interlocução tem seus papéis alterados, de forma que a primeira pessoa (doravante 1ª p.) passa a ser o leitor e a 2ª p. um funcionário do jornal. Segue um exemplo de uma carta desse tipo:

(02) “Snr. Redactor do Alfinete, peço a V.S. fazer o obsequio de agazalhar no vosso jornal as seguintes linhas, que são de todo interesse das sociedades recreativas de Homens de Cor.”¹⁵

Ainda podem ocorrer situações em que os interlocutores conhecem-se entre si, como é o caso de algumas cartas trocadas entre amantes, ou de poemas escritos por homens às mulheres que amam (exemplo 3). Há também a possibilidade de leitores trocarem cartas em que se criticam – como é o caso das correspondências trocadas entre os senhores Theophilo Fortunato de Camargo e Z.K. (pseudônimo), no jornal *O Kosmos*, durante alguns exemplares do ano de 1923 (exemplo 4).

(03) “Esther!

Como é lindo encontrar-se corações que se amam; não é verdade?!

Entretanto, tu lá e eu cá, parece que, por uma transmissão de pensamento já víamos esse amor familiar que nos havia de unir até a eternidade.¹⁶”

¹⁵ *O Alfinete*. Ano I, número 4. Outubro de 1918.

¹⁶ *O Alfinete*. Ano IV, número 74. Agosto de 1921.

(04) “Exm Sr. Theophilo Fortunato de Camargo

Saudações.

O amigo no ultimo numero do jornal o “Kosmos” perguntou-me com ar de sabichão: – ‘Quem lhe meteu na cachola que Tiradentes fôra o propulsor da actual forma de governo?’”¹⁷

Finalmente, observamos que a interlocução é encontrada em maior ou menor quantidade em função do propósito a que se destina o jornal. Em *O Alfinete*, por exemplo, são comuns as interlocuções diretas entre os redatores e alguns leitores – que são nomeados – por uma característica própria desse periódico de expor os comportamentos considerados indesejáveis, a fim de normatizar um padrão de comportamento à comunidade negra. Essa não é uma realidade de *O Kosmos*. Entretanto, haverá nesse jornal, maiores situações interlocutivas entre personagens de piadas, por exemplo.

Nos jornais araraquarenses as interlocuções são mais freqüentes em anúncios, em que o autor do texto se dirige a um leitor genérico com a finalidade de vender algum produto; em poesias, geralmente, de cunho amoroso; e em cartas ou em seções da primeira página do jornal, em que o editor está dando ou esclarecendo alguma informação ao leitor.

3.2. As ocorrências das formas *tu* e *você*

A partir da idéia de que o jornal constitui um hipergênero, que serve de suporte para variados gêneros ou “subgêneros”, e que, para se fazer uma pesquisa lingüística que se propõe a interpretar dados de língua em jornais de maneira fidedigna é preciso entender e respeitar a natureza de cada subgênero – e não considerar os dados de maneira global –, foi escolhida uma amostra que ilustre a proposta de análise lingüística desse artigo.

O jornal da imprensa negra *O Kosmos*, como vimos anteriormente, propõe ser um órgão de divulgação do grêmio Kosmos, que mantém, entre outras atividades, um curso de alfabetização e um grupo de teatro amador. Dessa forma, fica claro no jornal o objetivo de se propagar a arte literária, com a divulgação de saraus e de peças teatrais. Nesse jornal, não se encontra seção em que os redatores se dirigem a algum membro da comunidade para reprovar comportamento – as menções dos membros de *O Kosmos* são sempre em direção à comunidade negra como um todo, portanto, é

¹⁷ *O Kosmos*. Ano I, número 9. Fevereiro de 1923.

quase inexistente situações interlocutivas de 1ª para 2ªp. No entanto, há várias seções de publicação de poesias e a coluna *Idéia dos outros*, em que se publicam anedotas. Nessas seções são comuns ocorrências de interlocução por meio de pronomes de 2ªp.

As poesias com situação de interlocução são, em geral, escritas por homens (1ªp.) e dedicadas às mulheres (2ªp) que amam. Como o assunto é relacionado a sentimentos amorosos, essas poesias trazem uma linguagem dita “mais elevada”, própria do imaginário dos amantes. Nesse sentido, é majoritário o uso do pronome pessoal *tu*, com suas respectivas formas oblíquas e desinência verbal para revelar uma maior adequação à norma padrão e a elevada posição em que esses homens colocam suas amadas. Essa situação é prevista por Soto (1999), em que a escolha entre variantes é motivada também por um fator discursivo, nesse caso a adequação à linguagem própria dos amantes. É exemplo:

(05) “Paixão

Bella minha, dar-*te*-ia o meu todo e tudo para receber dos *teus* inclitos lábios a palavra mais consoladora para um ente que ama – paixão.

Louco de paixão por *ti*, o meu ser parece desfazer-se em nada quando ao fitar-*te*, frente a frente, *negas*-me um olhar de compaixão.

Sim, percebo ao longe, adorada minha, que nem ao menos *dás* um ar que *estás* compreendendo que sou um apaixonado pela mais bella jovem que os meus olhos não se cançam de mirar. Não importa Adélia santa, vale mais o tempo que a nossa vontade. Oliveira.”¹⁸ (grifo nosso)

Nas sessões dedicadas às anedotas também é comum a ocorrência da variante *tu* para tratamentos alocutivos. Esse tipo de gênero textual tem por característica o uso discursivo da linguagem para produzir um efeito cômico. Parece, portanto, contradição o uso desse pronome para se produzir riso, em relação à idéia anterior de que o *tu* represente a variante considerada de maior prestígio, e, que por isso, é indicada para assuntos românticos. Uma explicação possível para o fato é que essa variante pudesse representar o uso corrente de 2ªp. da cidade de São Paulo, onde *O Kosmos* é produzido. No entanto, estudos sociolinguísticos (MENON, 1994) apontam para que a variedade *você* foi a primeira a ser usada nessa cidade, sem uso prévio de *tu*.

¹⁸ *O Kosmos*. Ano I, número 3. Agosto de 1922.

Desse modo, pelo que foi exposto, o uso de tu é mantido para diferenciar anedotas publicadas nessa seção de piadas (outro gênero discursivo), em que a linguagem tende a reproduzir a oralidade. Assim, os redatores dessa seção buscam dar um caráter de literariedade as anedotas. São exemplos:

(06) “Idéias dos outros

Numa reunião:

Não *disseste* senão tolices. Para que *pediste tu* a palavra?

Ora! Porque tinha muita sede, e queria beber o copo da água que se dá aos oradores.”¹⁹ (grifo nosso)

(07) “Papá, quando eu for grande quero casar com a minha avósinha.

Então *tu queres* casar com a minha mãe, meu pateta?

E o papá não casou com a minha?”²⁰ (grifo nosso)

O periódico *O Alfinete* tem a peculiaridade de propor padrões de comportamento aos negros visando sua inserção na sociedade dominante. É por essa razão que tratamentos allocutivos entre redatores e leitores declarados são muito comuns. No entanto, há outras situações interlocutivas, como, por exemplo, cartas entre apaixonados e poesias com temática romântica (exemplos 08 e 09), em que ocorre também (assim como em *O Kosmos*) a variante *tu*, desinência verbal de acordo com o paradigma padrão de 2ªp., e pronomes possessivos e oblíquos equivalentes:

(08) “És boa

Sinto-me satisfeito e feliz, querida do meu coração, porque estou convencido que *és* boa e meiga, atenciosa e grata como são dois corações que se amam profundamente.

Agora não mais me dilacera este meu pobre coração, pois a indecisão em que elle vivia, desapareceu por completo, quando, hontem, *deste* a prova de que também *sentes* o que eu sinto: paixão louca pela imagem de alguém! A. E.”²¹ (grifo nosso)

¹⁹ *O Kosmos*. Ano I, número 8. Janeiro de 1923.

²⁰ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

²¹ *O Alfinete*. Ano IV, número 75. Setembro de 1921.

(09) “**Suspiros**

Ophelia vem, não *fujas* tanto,
Que da canção *tens* primasia.
A *tua* voz sublime encanto,
Que a mim seduz e extasia. [...]”²² (grifo nosso)

No entanto, em relação ao jornal anterior, *O Alfinete* revela um índice discursivo importante no que concerne ao tratamento alocutivo de 2^ap. Uma vez que há situações em que o redator do jornal denuncia um comportamento considerado indesejável, expondo textualmente algum membro da comunidade, a forma de tratamento empregada não é a mesma das poesias em que há uma situação dita “elevada”, mas ocorre o emprego da variante *você*. É interessante notar que esse emprego, por mais que possa ser a variante empregada comumente em situações de oralidade pela comunidade paulistana da época, só ocorre nesse jornal em situações de exposição de atitudes repreensíveis. Além disso, é também relevante o fato de que juntamente com a variedade *você*, estão empregadas gírias e construções consideradas estigmatizadas, reafirmando a idéia de Soto (1999) de que a escolha do falante por um pronome alocutivo em detrimento de outros é motivada por questões de ordem social e discursiva, que perpassam pela memória do falante. Veja alguns exemplos:

(10) “[...]”

Seu Philogonio. Cuidado com a cavação da rua Canindé nº88. olha isso não dá certo.

Você precisa encentar com essa cavação.

A mãe della é viúva sem encosto, e só vive das verduras que vende, e por isso mesmo é para vestir e educar a filha. [...]”²³ (grifo nosso)

(11) “Vamos seu Bertho; é preciso duchar a Maria que com ella completa quatro, e o direito que te é conferido está marcando uma só. Ora essa! Quatro Marias para *você* só? E os demais?”²⁴ (grifo nosso)

²² *O Alfinete*. Ano IV, número 76. Outubro de 1921.

²³ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

²⁴ *O Alfinete*. Ano I, número 4. Outubro de 1918.

(12) “Sebastião da Cruz, cuidado com as pianistas,,olha quando as trez se encontram uma só vez ahi é que eu quero ver a fita com você”.

Uma te queima a roupa, outra te leva a presença d’aquele lá da P. e a outra te leva no balão; ahi se acaba a farra das ruas Bonita, Graça e Dutra Ruiz.”²⁵ (grifo nosso)

Assim como ocorreu nas amostras de jornais da Imprensa Negra, nas amostras de Araraquara também encontramos tratamento allocutivo de 2^ap. Entretanto, essa interlocução entre redator e leitor ocorreu com menor frequência, pois como já mencionado, os jornais de Araraquara analisados (do início do século XX), devido a “brigas” políticas da época em que circulavam, adotavam posições políticas e atacavam o opositor (como faziam *O Popular* e o *Jornal do Commercio*) ou defendiam a “modernização” da cidade (como *O Araraquarense*). Sendo assim, as seções eram compostas de gêneros textuais que tinham como característica informar e “nas entrelinhas” criticar uma entidade política ou acontecimentos ocorridos na cidade e região; o espaço para o leitor enviar as suas poesias e cartas de amor era restrito.

É por isso que o relacionamento explícito com o leitor, ou seja, a interlocução, só pode ser observado em seções com gêneros como cartas e poesias – que eram enviadas por leitores –, e em anúncios publicitários.

Ao contrário do jornal *O Kosmos* e *O Alfinete*, a seção de poesia não aparece em todas as edições dos jornais, porém, quando ela é encontrada, aparece, predominantemente, com poesias de amor, em que um “eu-lírico” (geralmente do sexo masculino), direciona-se a uma mulher. Novamente, assim como acontece nos jornais da imprensa negra, nesses textos temos uma linguagem mais apurada, que tenta por meio dela contemplar e “elevar” a pessoa amada. Por isso, nesse contexto encontramos um uso predominante da forma *tu* e de suas formas correspondentes (pronomes oblíquos, possessivos e desinência verbal), como podemos observar nos exemplos abaixo

(13) “**Maldição!** ...

Surgiste um dia, engrata no caminho

Que eu a sorrir trilhava

Offertaste-me amor e qual ceguinho,

Na minha alma o aninhava [...]”²⁶ (grifo nosso)

²⁵ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

²⁶ *O Araraquarense*. Ano VII, número 314, 23 de dezembro de 1915.

(14) “**Tu e eu**

Quando junto a mim *sentavas*

Lindo contos me *dizias*

Sorria, se *tu sorrias*

Chorava, se *tu choravas*. [...]”²⁷(grifo nosso)

Seguindo as características da seção de poesias, temos a seção com um outro “subgênero”, as cartas. Esse texto abordava também, na maioria das ocorrências, uma temática amorosa, o que proporcionava um maior emprego das formas de 2ª p., como por exemplo:

(15) “**N’um postal...**

A Sylvia

Seje-me permitido, minha boa amiga, a *tua* amorosa cartinha, na qual o talho minúsculo da *tua* letra, sobressahia o fundo róseo das folhas de papel. [...] Parece-me que o *teu* bondoso coração, extremece de cuidado por mim, o que vem demonstrar-me que a *tua* amizade, foi e é sempre sincera. [...]”²⁸ (grifo nosso)

(16) “*Sabes* o que desejo? [...]”

O meu desejo é [...] a música do *teu* bandolim que geme as vezes saudoso e dolorido. E então naquela mudez, somente quebrada pelas notas em cavatina do teu dedilhado instrumento, sentir meu pensamento, tecer mil venturas.

SOUZA MAURO”²⁹ (grifo nosso)

Cabe destacar que diferentemente das amostras dos jornais da imprensa negra, onde foi possível encontrar a forma *você*, nas amostras de jornais da cidade de Araraquara não encontramos nenhuma ocorrência desse pronome.

Considerações Finais

Neste artigo apontamos algumas questões teórico-metodológicas que devem ser consideradas pelo lingüista ao elaborar um *corpus* representativo de língua escrita, em particular, um *corpus* composto por textos extraídos de jornal.

²⁷ *Jornal do Commercio*. Ano 1, número 31, 16 de julho de 1914.

²⁸ *O Araraquarense*. Ano VIII, número 382, 19 de abril de 1917.

²⁹ *O Araraquarense*. Ano VIII, número 382, 19 de abril de 1917.

Essas questões são relevantes para que as pesquisas lingüísticas que visam, por meio de jornais, recuperar o funcionamento da língua em outros momentos históricos, não cheguem a resultados distorcidos, sobretudo, as que buscaram um resultado quantitativo. O lingüista que se propõe realizar um trabalho quantitativo deve, além da noção de gênero textual, atentar para o fato de que o jornal constitui um hipergênero que dá suporte a outras gêneros (ou subgêneros), e que cada um desses subgêneros podem apresentar dados lingüísticos que lhe são peculiares.

Além disso, é relevante para o uso do texto jornalístico como *corpus*, o conhecimento do contexto histórico-social e dos propósitos do jornal em questão, visto que essas características também poderão influenciar nas escolhas lingüísticas do redator ao escrever o seu texto. Isso foi demonstrado na comparação dos resultados obtidos pela análise da amostra de jornais da imprensa negra e da imprensa de Araraquara.

Os periódicos araraquarenses utilizados revelaram, nas raras situações interlocutivas encontradas – já que esses jornais devido seu caráter político ou seu interesse pela “industrialização”, visavam influenciar de forma indireta os seus leitores –, um uso mais freqüente do tratamento alocutivo de segunda pessoa com pronome *tu* (e suas respectivas desinências verbais, pronomes possessivos e oblíquos).

Por outro lado, a análise dos jornais da imprensa negra levou a resultados diferentes, respeitando, assim, as propostas de *O Kosmos* e *O Alfinete* e das particularidades dos gêneros que aparecem nesses periódicos. Enquanto as ocorrências em *O Kosmos* apontam um uso mais freqüente do *tu*; as em *O Alfinete* revelam uma variação social e discursiva no tratamento alocutivo, atribuindo um valor de maior prestígio social ao pronome *tu* e uma valor mais estigmatizado ao pronome *você*.

Acreditamos que muitas outras questões ainda devem ser abordadas para que os resultados das pesquisas lingüistas com esse tipo de *corpus* se tornem os mais confiáveis possíveis. Entretanto, o que tentamos salientar é a importância de se buscar diferentes recursos – lingüísticos e extralingüísticos (como os de natureza histórico-social e econômica) –, ao se realizar pesquisas sobre a língua, principalmente, os relacionados à história da língua.

Referência Bibliográfica

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BIDERMAN, M.T.C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa* 18/19, São Paulo, 1972-73.

BONINI, A. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. 2001. In: VASCONCELOS, Sílvia I. C. C. de. (Org.) *Discursos midiáticos e ensino: diálogos (im)pertinentes*.

_____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.

BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. por Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999 [1997].

CINTRA, L.F.L. *Sobre 'formas de tratamento' na língua portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, Ltda., 1986.

FERRARA, M.N. *A imprensa negra paulista (1915 - 1963)*. FFLCH/USP, 1986. (Antropologia 13).

FRANCA, A. M. (org). *Álbum de Araraquara*. Araraquara: Câmara Municipal de Araraquara, 1915. (Editor João Silveira).

GARCIA, M. *Os Arcanos da cidadania: a imprensa negra nos primórdios do século XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1997.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on Historical Linguistics*. Masterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

- LEITE, J.C. & CUTI. ... *E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- MARCURSCI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P. et al (org). *Gêneros textuais e ensino*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- PINTO, E. *A Língua Escrita no Brasil*. São Paulo: Ática, 1986.
- SANTOS, P.S. *Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco. Itatiba, 2007.
- SCHWARCZ, L.M. *Retrato em banco e negro: jornais, escravos e cidadãos em SP no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SOTO, E.U. *Varição/Mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2001.
- SWALES, J. M. (1990) *Genre analysis: english in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press.
- TELAROLLI, R. *Os sucessos da Araraquara: estudo em torno de um caso de "coronelismo" em fins do século XIX*. 1975. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo, USP, 1975.
- VARGAS, C. R. *As várias faces da cidade: Bento de Abreu e a modernização de Araraquara*. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Franca, 2000.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (eds) *Directions for historical linguistics: a symposium*. Austin-London: University of Texas Press, 1968. p. 95-199.

Recebido em 26 de novembro de 2007

Aceito em 27 de fevereiro de 2008